

A MORTE SUCINTA

epitáfios epigramáticos

†

Wladimir Saldanha



A Morte Sucinta

– epitáfios epigramáticos –

† † †

Wladimir Saldanha

APPALOOSA
Online Indie Publishing

Livro: AP0017

Saldanha, Wladimir

A Morte Sucinta – Epitáfios Epigramáticos

Wladimir Saldanha – 1 Ed. 2018

Appaloosa Online Indie Publishing

Capa:

Unsplash – James Harris

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Felippe Regazio / Produção e Edição

Este Livro Contém:

. Epitáfios Epigramáticos

“Porque a morte é tão sucinta”.

— Gregório de Matos

EPITÁFIO DE UM EU LÍRICO

Não soube "aproveitar o ensejo"
nem "conferir cunho político":
de um hiperbólico bocejo,
aqui jaz o poeta elíptico.

EPITÁFIO DO NARRADOR CONTEMPORÂNEO

Em monólogo interior,
com sua grande arte do tempo,
descansa em paz, ó narrador,
que linear é o fragmento.

EPITÁFIO DO POETA BAIANO

A repousar na paz de Deus,
se aqui não deu, agora é astro;
Poeta Baiano – saudade dos seus:
Junqueira, Gregório e Castro.

EPITÁFIO DO POETA PAULISTA

A eternidade é uma Semana
de um ano de Vinte de Dois.
É Sema. É Ana e mana...
Além-antes. Aquém-depois.

DUPLO EPITÁFIO DO POETA DE DUAS FASES

Morreu na primeira fase
quando foi um grande lírico;
depois, na segunda ou quase
imortal, objetivo, granítico.

EPITÁFIO DO POETA PRÁXIS

Nem a Morte, velha discursiva,
pôde de um só golpe matá-
lo. Coloquial, disse: “Ah, tá,
dou-te meu hífen...” Agora, viva.

EPITÁFIO DO POETA CARIOCA

Que a terra lhe seja leve,
a boa do Rio de Janeiro,
sobre o *Poeta Brasileiro*!
("Carioca" não se escreve.)

EPITÁFIO DO POETA "RADICADO EM"

O Poeta Radicado Em,
amasse embora seu torrão,
morreu na "terra de adoção".
Descanse em paz, raiz, amém.

EPITÁFIO DO POETA LIBERTÁRIO

Bom filho, esposo amado,
liberto enfim da obrigação
de ser poeta libertário,
engajou-se num caixão.

EPITÁFIO DO POETA PERNAMBUCANO

Poetou depois de Cabral
e da turma de 65:
merece o céu, é o tal –
mais não seja, pelo afinco.

EPITÁFIO DO POETA MINEIRO

Marília, Nise, tais meninas,
ou Drummond na itabirada?
No Suplemento de Minas
só deu pra morrer vanguarda.

EPITÁFIO DA POETISA OU POETA

Saudades eternas, poetisa
ou poeta, p'ra não agastá-la
no silêncio perpétuo e na lisa
laje do seu "lugar de fala".

EPITÁFIO DO POETA ANTOLOGIADO

Antologiado, elogiado,
lembrado em tudo que é lista,
na foto casual, de lado,
"dono de uma dicção"... Nem pista.

EPITÁFIO DA CANTORA ANTOLOGISTA DE POESIA

“Quem é ela? Quem é ela?
Eu vejo tudo enquadrado.”

FALSO EPITÁFIO DO POETA CURITIBANO

Um trocadilho, um uísque,
dormiu, sonhou que morreu --
sonhou que era o Leminski,
e ele: "O que pintar, assino eu!"

EPITÁFIO DO POETA GOIANO

Cantou plantas do Cerrado,
disse as graças do pequi;
mas Coralina, decorado,
nem este que jaz aqui.

EPITÁFIO DO POETA NEOCONSERVADOR

Jaz em paz, e não é pose
que se enterre com o cachimbo:
vai baforar na Gnose
se ela ousar subir ao limbo.

EPITÁFIO DO TRADUTOR E POESIA

Para Pedro Mohalle, a pedido.

Heroi da tradução fiel,
bravo da transcrição,
digamos, mereces o céu
pelo verso de outra mão.

EPITÁFIO DO OUTRO TRADUTOR DE POESIA

Morria por uma palavra
e *muerto*, *dead* e *mort*, morreu
literalmente quando a encontrava
na versão que o precedeu.

EPITÁFIO DO POETA CONCRETO, À SUA MANEIRA

QUI S
MUDAR TUDO
ME DEI TUDO
AGORA POIS TUDO
EIS TUDO
MUDO

EPITÁFIO DO POETA ENUMERATIVO EM SUA EXUMAÇÃO

A tíbia, a flor, o palato,
o lacrimal sem a esclerótica,
as omoplatas, o sapato –
vida eterna à enumeração caótica!

EPITÁFIO DE GUIMARÃES ROSA, IMORTAL DA ABL

Pressago, previu esse mal
de morrer, sendo imortal.
Se sabia, candidatou-se
à morte? E tomou posse.

EPITÁFIO DO POETA PERFORMER, COM PARÓDIA ROMÂNTICA

Descanse do trejeito involuntário:
floresta que era o homem? Esquecida.
Mas tragam uma avestruz, escrevam nela:
foi poeta, surtou e *se amostrou* na vida.

EPITÁFIO DO POETA PROFESSOR DOUTOR

É a “emergência da corporeidade”
do poeta professor doutor
sem movência, a nível de saudade
enquanto morte (Zumthor; Foucault).

EPITÁFIO DO HAICAÍSTA EM MINÚSCULAS

borboleta é raro
rã só em restaurante caro
pígia epifania.

EPITÁFIO DO ELEGÍACO AUTOAPOLOGAL

O apólogo justaposto
à elegia, ele inventou:
“Grande Fulano!” – mas, no aposto,
“... grande, que me premiou,...”

EPITÁFIO DO POETA SOCIALISTA QUE COLECIIONAVA BOINAS

Ao verso breve e à grande causa
("Revolução! Contenção!")
dedicou o seu melhor, a calva
sob as boinas da coleção.

EPITÁFIO PARA CABRAL SONHANDO UM LIVRO DE EPITÁFIOS

“A faca dos meus epitáfios
não vai deixar prolixo vivo!”
Ledo, fez “Lêdo Ivo”,
mas o cabra foi mais safo.

EPITÁFIO DO POETA COM OBRA-PRIMA

De saudosa memória,
escreveu uma obra-prima
que é prima dela própria,
mas (dizem) por mais coisa prima.

EPITÁFIO SIMULTÂNEO PARA PESSOA E CAMÕES

Em Lisboa, nos Jerônimos,
não Camões, quem jaz inteiro
é o poeta de heterônimos...
Panteísta, e num mosteiro.

EPITÁFIO PROVISÓRIO DO POETA BISSEXTO

Descansa o Poeta Bissexto
de muito esperar os seus versos!
Um dia acharão os dispersos
e põem no lugar deste texto.

EPITÁFIO DO POETA HIPONGA QUE VENDIA POEMAS

Não jaz em paz, mas “em harmonia”,
se desertou desses bares
aonde ia – “Você ama poesia?” –
fazer mentir a seus pares.

EPITÁFIO DO POETA QUE AINDA PARODIAVA A PEDRA DO CAMINHO

Dai, Senhor, paciência,
e boa trepanação
a quem ficou, se vem à cabeça
a pedra que tinha no chão.

EPITÁFIO DO MAU POETA ELOGIADO NA ORELHA

A cláusula não se revogue
da orelha do livro, inumada:
foi junto, se igual de Van Gogh,
só faz sentido se arrancada.

EPITÁFIO DO POETA GAÚCHO *UNDERGROUND*

Saudoso poeta *underground*
gaúcho, publicado no Rio
de Janeiro! Que grande vazio
na gurizada do *playground*!

EPITÁFIO DO LÍRICO DA INFÂNCIA

Lírico, na imagem da rosa
a viúva se ri da criança;
mas, órfã, sua própria infância
tem saudade de ser saudosa.

EPITÁFIO DO POETA ANTILÍRICO

Apodrece, antilírico, afeito
ao *rigor mortis*, que é rigor
floral, porque não tem jeito:
a Morte é a desforra da flor.

EPITÁFIO DO POETA MARGINAL

morte é coisa de entrelinha
: no branco da laje leia
a minha vida bem cheia
que só não disse a que vinha

EPITÁFIO DO POETA TRANSCENDENTE NÃO-IMANENTISTA

Aqui não jaz, que transcende
e assim nem descansa em paz!
Baixou num centro e, imanente,
saltou do médium, abriu o gás.

EPITÁFIO DO POETA MATERIALISTA CÉTICO

Cabelo e unha, osso e dente:
jacente, duvida que jaz...
São materiais ou ele é crente
nos próprios restos mortais?

EPITÁFIO DO POETA TROPICALISTA

"Mentor intelectual"
de Caetano, Gal e Gil,
multimédia, paradoxal,
muito antes de morrer, sumiu.

EPITÁFIO DO POETA QUE VIROU CRONISTA

Poeta-cronista é poeira
que o cronista-poeta apaga:
aqui jaz um Manuel Bandeira
que ganhou mais de Rubem Braga.

EPITÁFIO DA LÍRICA COM ADORNO
sob invocações de João Filho

“Depois de Auschwitz, a Lírica
morreu”, dizia Adorno
que do coração morreu, adorno
depois de Auschwitz, à Lírica.

EPITÁFIO DO POETA QUE SÓ RIMAVA COM PARTICÍPIOS E GERÚNDIOS

Ando
ido,
tendo
sido.

EPITÁFIO DO EDITOR DE POESIA

Para Gustavo Felicíssimo, a pedido.

Não tinha onde cair morto
Este que deu à estampa
tanto verso bom e torto!
Agora acampou na campa.

EPITÁFIO DO POETA FOCADO E ALTERNATIVO

Não usava reticências:
"Recurso que só dispersa..."
E deixou de mais conversa
e morreu tendo *vivências*.

EPITÁFIO DO POETA DAS MINORIAS

Na Morte planificadora
– *martelo, bigora e estribo* –,
só canta os ossinhos do ouvido,
minorias do Olvido agora.

EPITÁFIO DO POETA POUNDIANO INOVADOR

“Faça o novo!” – de Pound, o dito
que ele dizia de novo, ene
vezes... “Sem tombar no redito”
– leu e tombou. Era Verlaine!

EPITÁFIO DO POETA QUE SÓ LIA POESIA ESTRANGEIRA

Suas vísceras, num boicote,
pararam em congestão fatal:
“A poesia é... – e lia Eliot! –
... visceralmente nacional”.

EPITÁFIO DE UMA GERAÇÃO LITERÁRIA

Sonharam ser um a um,
sem Geração, manifestos;
gregários na vala comum,
vão imortais pelos restos.

EPITÁFIO DO POETA ANÔNIMO

Morreu em combate, o poeta
anônimo, que agora some
ante o poeta de renome
que lhe traz flores: xeque-mate.

EPITÁFIO DO POETA DA PRAÇA

Aqui jaz o Poeta da Praça
que era, sim, de boa praça,
mas gostava de fazer praça
de ser, enfim, Poeta da Praça.

EPITÁFIO DO POETA DE VERSO LIVRE

Baldio, a boa nova
para além de qualquer norma,
é um terreno de desova
sem métrica, ah! Sem forma.

EPITÁFIO COMPLACENTE DO POETA DE FACEBOOK

Depois sair umas mil
vezes do *Facebook*,
volta em outras, outro *look*
para a foto de perfil.

EPITÁFIO DO EPITAFISTA

O que matou a seus irmãos
num surto a mais de vária trova,
houve por bem juntar as mãos.
Rezai por ele. Ou sai da cova.

†

A MORTE SUCINTA

Copyright 2017 Wladimir Saldanha

Published by
Appaloosa Online Indie Publishing

www.appaloosabooks.com